

Representações de gênero na série *Fleabag*¹

Ana Flávia Godoy de OLIVEIRA²

Éverly PEGORARO³

Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro)

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar as representações femininas em *Fleabag*. Na série, acompanhamos uma mulher britânica que lida com as frustrações da vida pós-moderna. Ela vive o luto pela perda da mãe e da melhor amiga, enquanto vivencia conflitos familiares e amorosos. A série utiliza a ironia como um recurso para retratar questões de gênero e das experiências teatralizadas da personagem principal, as quais muitas vezes escondem relacionamentos superficiais e líquidos, como problematiza Bauman (2004).

PALAVRAS-CHAVE

Identidade; cultura de séries; ironia; gênero; representação.

INTRODUÇÃO

Fleabag (2016) é uma série britânica criada e protagonizada por Phoebe Waller-Bridge. A obra possui duas temporadas de seis episódios cada e é baseada num monólogo teatral também escrito por Phoebe. Do gênero comédia dramática, gira em torno de uma mulher com cerca de 30 anos, a *Fleabag*⁴, que é dona de um café em Londres e vive o luto pela perda da mãe e da melhor amiga. Ela também enfrenta conflitos familiares com a irmã, o cunhado, o pai e a madrinha/madrasta. Além disso, tem problemas em relacionamentos amorosos com diversos parceiros ao longo da série. Segundo Oliveira *et al.* (2022), a narrativa é conhecida pela quebra da quarta parede, recurso que permite um diálogo entre a protagonista e o público. Bortoluzzi (2021)

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Audiovisualidades: comunicação em imaginários sociais, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 3 a 5 de julho de 2025.

² Aluna do 4º ano do curso de Jornalismo da Unicentro. Voluntária de Iniciação Científica 2024-2025. E-mail: anaflaviagodoydeoliveira@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Departamento de Comunicação Social da Unicentro. E-mail: everlypegoraro@gmail.com.

⁴ A protagonista nunca é nomeada, mas passou a ser chamada pelo público pelo nome da própria série, que pode ser traduzido do inglês como “saco de pulgas”. No roteiro da obra, ela também é nomeada dessa maneira.

afirma que essa invasão ao espaço do espectador ocorre desde o início do primeiro episódio, quando a protagonista conta um relato íntimo diretamente para a câmera. *Fleabag* confia informações sobre outros personagens e sobre o seu próprio estado de espírito para o espectador mas, apesar dessa confidencialidade, Oliveira *et al.* (2022) defende que a personagem manipula o público sobre os pensamentos dela e mantém uma fachada diante do espectador. O objetivo da presente pesquisa é refletir sobre as representações da mulher pós-moderna em *Fleabag*. Para isso, problematizamos o conceito de identidade na pós-modernidade, bem como a definição de gênero e a ironia como ferramenta narrativa. Para o estudo utilizamos a análise de narrativa seriada proposta por Azubel (2018), a partir dos pressupostos de análise fílmica de Casetti e Di Chio (1990).

IDENTIDADES FEMININAS: ENTRE A FLUIDEZ E OS ESTEREÓTIPOS

Hall (2006) define a globalização como um complexo de processos e forças de mudança. Um dos aspectos desse fenômeno que mais tem efeito sobre as identidades culturais são as características temporais e espaciais que causam compressão de distâncias e de escalas temporais. Isso porque as mudanças da relação espaço-tempo tem efeitos sobre como as identidades são localizadas e representadas (Hall, 2006). Os indivíduos estão sempre diante de possibilidades de identidades com as quais é possível se identificar (Hall, 2006). As características da modernidade ampliaram expectativas e desejos que deixaram de caber numa moldura de identidades fixas (Santaella, 2008).

Bauman (2001) define liquidez como uma metáfora adequada para descrever a natureza da fase que vivemos hoje. Nesse contexto, “a busca da identidade é a busca incessante de deter ou tornar mais lento o fluxo, de solidificar o fluido, de dar forma ao disforme” (Bauman, 2001, p. 123). Castro (2010), referenciando Anthony Giddens, afirma que, em uma sociedade em constante mudança, o indivíduo deve, cada vez com mais frequência, repensar e redefinir sua identidade. Bauman (2008) afirma que a noção de natureza humana, com a qual nascemos, foi substituída pela identidade pela qual cada indivíduo é responsável por podar e adaptar. Nesse contexto, aponta Santaella (2008), surge um individualismo que é fruto da diversidade de ofertas de estilos de vida. Além disso, na sociedade moderna todos são afetados pela fragilidade (Bauman 2008).

As representações partilhadas e os estereótipos estão na base da criação das identidades. Ribeiro (2006) afirma que as representações sociais dizem respeito à ideia do que é o feminino, enquanto os estereótipos se referem a generalizações de um grupo social, sem levar em conta suas diferenças. Para Hall (2016), os estereótipos se apossam de poucas características do indivíduo e o reduzem a esses traços. Para Ribeiro (2006), cada indivíduo é direcionado a cumprir papéis sexuais, que são comportamentos que a sociedade considera mais adequados para cada sexo. Esse processo ocorre também por meio da mídia, que fornece padrões comportamentais e símbolos de feminilidade e de masculinidade (Ribeiro, 2006). Jayme (2010), à luz do pensamento de Judith Butler, afirma que é melhor pensar o gênero como performance, não como uma totalidade, mas uma ação cuja construção é complexa e inacabada (Jayme, 2010).

Como Kellner (2001) salienta, a cultura da mídia molda opiniões e comportamentos e fornece o material para que os indivíduos criem suas identidades. Almeida e Alves (2015) afirmam que, entendendo a representação das mulheres em obras midiáticas como parte de uma construção social, é possível observar que isso passa pelo reconhecimento das identidades plurais femininas. Mittel (2012) aponta que na cultura de séries há produções que fazem uso de narrativas complexas, proporcionando um efeito especial narrativo, como o rompimento com a quarta parede (Mittel, 2012), que ocorre em *Fleabag*. Outro meio que é utilizado nessa série para representar as vivências e frustrações femininas na contemporaneidade é a ironia. Segundo Hutcheon (2000), esse recurso, que é utilizado em todos os tipos de discursos, pode ser empregado para reforçar ou para subverter tanto posições conservadoras como posições radicais. Hutcheon (2000) explica que, no jogo da ironia, há dois participantes: o ironista e o interpretador. A autora ainda afirma que a existência de comunidades discursivas é o que fornece o contexto para que a ironia seja empregada. O que está envolvido nessa dinâmica são diversas complexidades micropolíticas, como classe, raça, gênero, profissão, religião etc (Hutcheon, 2000).

REPRESENTAÇÕES FEMININAS EM *FLEABAG*

Fleabag lida com seus problemas internos e com questões que circundam a vida na pós-modernidade. Na narrativa, podemos perceber problematizações acerca da mulher pós-moderna, com suas vivências e frustrações por meio de relacionamentos

líquidos e superficiais. Seleccionamos como *corpus* da análise duas sequências do quarto⁵ episódio da primeira temporada da série. Nele, *Fleabag* e a irmã, Claire (Sia Clifford), ganham de presente do pai (Bill Paterson) um retiro silencioso para mulheres. No local, as participantes não podem falar ao mesmo tempo que devem realizar afazeres domésticos e meditações. Bem ao lado de onde estão, outro retiro acontece: o *Better Man*. Dentre eles está o funcionário de banco (Hugh Dennis) com quem *Fleabag* teve uma desavença no primeiro episódio da série, por ter se despedido acidentalmente diante dele enquanto tentava um empréstimo para salvar seu empreendimento.

Seguimos a Análise Fílmico-Compreensiva da Narrativa Seriada (AFCNS) proposta por Azubel (2018), a partir dos procedimentos metodológicos de análise fílmica de Caseti e Di Chio (2013)⁶. Nossa análise focou em duas sequências do episódio. A primeira⁷ é em um momento de meditação no retiro silencioso. A líder incentiva as participantes a vasculhar seus passados, pensando num momento perturbador, de tensão que não conseguem esquecer. *Fleabag* tem um *flashback* dela abrindo o zíper da calça de alguém enquanto segura uma taça. Voltando para o presente, a protagonista diz direto para a câmera “agora não”. Em seguida, a líder ordena que ela pense num verdadeiro momento de paz. *Fleabag* se recorda dela deitada ao lado da melhor amiga, Boo (Jenny Rainsford), enquanto as duas tem uma conversa sobre o que mudariam no mundo, se pudessem mudar qualquer coisa. A segunda⁸ sequência é quando *Fleabag* se encontra com o funcionário do banco. Ele conta que pegou no seio de uma colega mais de uma vez e por isso foi incentivado a participar do *Better Man*. Melancólico, o bancário diz que quer voltar para casa, abraçar a mulher, proteger os filhos e filha, virar a página e pedir desculpas para todo mundo. *Fleabag* apenas responde “eu só quero chorar o tempo todo”.

Na primeira sequência vemos que um envolvimento sexual é a lembrança perturbadora que a protagonista tem enquanto a amiga é o seu ponto de paz. *Fleabag* tem vários relacionamentos rápidos durante a série na tentativa de preencher lacunas, já que ela teve uma amizade profunda com Boo, que não consegue reproduzir com nenhuma outra pessoa. O pai tem dificuldade de demonstrar afeto por ela e Claire e a

⁵ 26 min. 57 seg.

⁶ Sendo assim, temos as etapas de seleção e recorte do corpus; descrição e transcrição; reescrita e interpretação à luz do referencial teórico; e, por fim, síntese e reinterpretção (Azubel, 2018).

⁷ 13min. 32 seg.

⁸ 19 min. 41 seg.

protagonista também têm uma relação afastada da irmã. *Fleabag* coleciona o que Bauman (2004) chama de relacionamentos de bolso. Nenhum parceiro é fixo ou profundo, sendo todos eles marcados principalmente pelo sexo. Já na segunda sequência, conseguimos observar algo bastante recorrente. Até onde sabemos, o funcionário do banco não é punido pela justiça por assediar a colega de trabalho, mas recebe uma segunda chance por meio do retiro. Ele, assim como os outros participantes, precisam passar por um processo de reprogramação, desconstruindo as experiências e a educação que têm em relação às mulheres. Quando ele conta o que fará ao voltar para casa, o homem afirma que quer pedir desculpas para todo mundo. Em nenhum momento menciona se desculpar com a colega ou até mesmo com a própria *Fleabag*, que foi chamada pejorativamente por ele no primeiro episódio. Com o decorrer da temporada, descobrimos que Boo se matou após descobrir que havia sido traída pelo namorado. Mas, foi a própria protagonista que teve um envolvimento com ele e, diferente do funcionário do banco, *Fleabag* não tem a oportunidade de uma segunda chance.

CONCLUSÃO

Tanto por meio da ironia e da comicidade como de forma melancólica, o que vemos representadas em tela são as complexas relações da pós-modernidade. Além disso, a obra também trata de representações de gênero de maneira crítica e, muitas vezes, fora dos padrões com que estamos acostumados a ver na mídia. *Fleabag* é uma mulher livre financeira e sexualmente, dona do próprio negócio. Para além desses aspectos relacionados ao universo feminino independente, a protagonista é uma pessoa que lida com muitos conflitos internos, principalmente com a morte da amiga e a dificuldade de estreitar laços com as pessoas ao seu redor. Para compensar esse vazio, *Fleabag* tem diversas relações superficiais e líquidas, principalmente com parceiros sexuais. A série representa as facetas de uma pós-modernidade marcada pela liquidez, por identidades que não são mais fixas e por um vazio existencial que atinge a todos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alvanita; ALVES, Ivã (Org). **Mulheres em seriados**: configurações. Salvador: Edufba, Neim, CNPq, 2015.

AZUBEL, Larissa Lauffer Reinhardt. **Análise filmico-compreensiva da narrativa seriada**: uma proposta metodológica para ler o imaginário em séries de tv. Revista

GEMInIS, São Carlos, UFSCar, v.9, n.2, p.29-45, maio/ago. 2018. Disponível em: <https://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/article/view/339>. Acesso em: jan. 2025.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **A sociedade individualizada**: vidas contadas e histórias vividas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BORTOLUZZI, Isabella Armiliatto. **O espectador como confidente**: fleabag e a quebra da quarta parede. 2021. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Realização Audiovisual) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2021.

CASSETTI, Francesco; DI CHIO, Federico. **Cómo analizar un film**. España: Paidós, 2013.

FLEABAG (piloto). Direção: Tim Kirby, Harry Bradbeer. Roteiro: Phoebe Waller-Bridge. Two Brothers Pictures, 2016. Seriado (26 min. 51 seg.).

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

JAYME, Juliana Gonzaga. **Travestis, transformistas, drag queens, transexuais: montando corpo, pessoa, identidade e gênero**. In. Cultura contemporânea, identidades e sociabilidades: olhares sobre corpo, mídia e novas tecnologias. (Org) CASTRO, A. L. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2001.

MITTELL, Jason. **Complexidade narrativa na televisão americana contemporânea**. Matrizes, São Paulo, ano 5, n. 2, p. 29-52, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v5i2p29-52>. Acesso em: jan. 2025.

OLIVEIRA, Larissa Nascimento Lopes de; MONTEIRO, Danilo Cezar da Silva; BRASILEIRO, Felipe Sá; SILVA, Marcel, Vieira Barreto da. **Ritual de interação face a face em bottle episodes: o caso fleabag**. In. Ficção Seriada, estudos e pesquisas. (Org) LEMOS, L. P. ROCHA, L. L. F. Aluminio/SP: Jogo de Palavras, São Luís/MA: EDUFMA, 2022.

RIBEIRO, Silvana Mota. **Retratos de mulher, construções sociais e representações visuais do feminino**. Porto: Campo das Letras, 2005.

SANTAELLA, Lucia. **Mulheres em tempos de modernidade líquida**. Comunicação & Cultura, Portugal, n. 6, p. 105-113, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.34632/comunicacaoecultura.2008.468>. Acesso em: dez. 2025.

SILVA, Marcel Vieira Barreto. **Cultura das séries: forma, contexto e consumo de ficção seriada na contemporaneidade**. Galaxia, São Paulo, n. 27, p. 241-252, jun. 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/15810>. Acesso em: Jan. 2025.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Edições Loyola, 2002.